

A CARICATURA POLÍTICA EM PORTUGAL - XI

RAZÃO DE PESO



— Sabes porque é que o Turismo não progride em Portugal ?
— Não. Porque é ?
— Porque as Instalações são na Travessa da Espera...



A actriz
Laura Alves
na revista
«Festa Brava»,
1944, desenhada
por Amarelhe

O Estado Novo

Oswaldo de Sousa

Qual a sua profissão? – Pintor. – E o seu estado? – Como vê, é lastimável (Jorge Barradas, in «Sempre Fixe» de 13/10/1927).

Este é um retrato fiel da vida dos artistas nessa época conturbada da República. Entretanto, em 1926, algo viria a modificar-se na paisagem política e humorística. A 28 de Maio de 1926 a 1ª República é derrubada por um novo golpe ditatorial, só que este vinha

para ficar. Em 13 de Maio de 1926 sairia o primeiro número do jornal *Sempre Fixe*, o periódico humorístico de maior relevo deste século. Também em 1926, em Janeiro, chegaria a Portugal Thomaz de Mello. Três eventos destintos, mas ligados num futuro próximo.

Tom

Porquê este realce no início de um artigo sobre o período que se inicia em 1926? Porque ele pode ser encarado como símbolo de uma nova geração humorística, a renovação de um estilo, ou seja, a segunda geração modernista.

Thomaz de Mello é, na sua aparição em Portugal, a recuperação na das origens do modernismo, o traço como limite da abstração na linha síntese. A segunda geração modernista, quando ele chega a Portugal, já dava os seus primeiros passos, já utilizava a síntese renovada, porém seria o Tom que a imporia com maior veemência, com maior impacto crítico.

A 11 de Agosto de 1906 nasce no Rio de Janeiro Thomaz de Mello, filho de uma velha família aristocrática portuguesa. A partir daí, a sua vida não foi senão uma aventura artística, primeiro no campo do teatro, onde entrou com 14 anos como aprendiz e ajudante de cenografia, passando depois a actor; em seguida a aventura no mundo da Amazónia, onde também é necessária arte para sobreviver.

Em 1926 aporta a Lisboa este espírito irrequieto feito actor, mas aberto a novas aventuras. Logo a seguir chega um seu amigo brasileiro, Ruben Trinas (Fox), que o desafia a fazerem ambos uma exposição de caricaturas para ganharem algum dinheiro. Foi a revelação do seu dom (e da sua mina de sobrevivência em terras lusas), porque o Dom nobiliárquico familiar foi escondido sob o pseudónimo de TOM.

Tom é o símbolo da economia linear, é a síntese na essência, o encontro da geometria



simples com o mundo e o Homem. Ele recuperou a caricatura síntese como linha de abstracção no modernismo, ao ponto de ser identificado como «o modernismo na caricatura, quasi diríamos, sem duplo sentido, a caricatura do modernismo» (*Século Ilustrado*).

integrando a segunda geração do modernismo português, partiu, como os outros, do humorismo para as artes possíveis, que eram as artes gráficas, a decoração, a pintura. Mestre do cartaz e da publicidade gráfica, não fazia mais do que continuar o trabalho de seu avô, o outro Dom Thomaz de Mello, fundador da primeira agência de publicidade em Portugal e criador dos quiosques da Lisboa do séc. XIX que ainda hoje nos cativam.

No humorismo ele deixou a lição da simplicidade, da estilização das atitudes. Essas mesmas características são a sua assinatura e originalidade em tudo o que tem feito até aos nossos dias.

A caricatura e o Estado

Com a «revolução» de Maio muita gente acreditava que a tranquilidade política ia finalmente ser restabelecida. Era a direita integralista que sonhava ter conquistado o poder; era a esquerda republicana que pensava ter o exército do seu lado; era a esquerda operária que finalmente tinha conquistado a liberdade e igualdade de direitos. Os próprios golpistas estavam incertos quanto ao futuro e divididos. Como consequência, os primeiros anos da ditadura foram mais catastróficos política e economicamente que os tempos da 1ª República.

A caricatura, como reflexo da história, tanto louvaria os políticos, como o Gomes da Costa a arrancar os furúnculos deixados pela República, como em breve se lamentaria dos piores inimigos do humor, a opressão e a censura, um casal que costuma emparelhar frequentemente na ditadura.

As dúvidas, são o primeiro sintoma do mau caminho político: «— Ó Maria, affianças a melancia (ditadura)? — Sei lá, não estou dentro dela... — Então, o melhor é cala-la, que de resto, o calado é o melhor...» (Stuart, in *Sempre Five*, 2/9/1926).

O estilo de ditadura era também uma questão que se levantava nos espíritos:



Salazar, desenhado por Almada Negreiros para a capa do livro «Salazar e a sua Época» (1933)



«Mussolini – Então é esta a traquinas da sua filha (República)?

O Zé – É sim, Sr Duce, mas nasceu enfadadinho...

Mussolini – Porque não lhe dá o meu xarope fortificante?

O Zé – Deus me livre, já tomou uma xaropada dessas em 1918 e ia morrendo!» (Stuart, in *Sempre Fixe*, 25/11/1926).

Porém, seja qual for o estilo, a ditadura tem sempre o mesmo fito, calar as ideias, as liberdades – «Na impossibilidade de desenharmos e escrevermos no *Diário do Governo*, teremos de transformar o *Sempre Fixe* em *Jornal de Modas*»? (F. Valença, in *Sempre Fixe*, 8/7/1926) – por prepotência e outras potências várias que logo em 27 «põe a

Declaração dos Direitos do Homem no Penhor» (Valença, in *Sempre Fixe*, 5/5/1927) – para no Carnaval de 33 já se poder festejar as cinzas dos que nunca estão de acordo por inteiro, os partidos – «Aqui repousam as cinzas dos Partidos Políticos» (Valença, in *Sempre Fixe*, 2/3/1933): Lentamente morrem as individualidades, cria-se um estado novo das coisas, em monocromia, de marionetas.

O braço direito desta política é a D. Censura, a senhora do lápis azul e tesoura, a «N^ª Sr^ª do Carmo» (Valença, in *Sempre Fixe*, 15/7/1926) protectora das aberrações ideológicas e da suspensão: «Co’as garantias suspensas, já não se entende ninguém. Toda a hora vêm sentenças. Fecha às dez e fecha às onze,

Arnaldo Ressano
1935



Arnaldo Ressano
1935



Jorge Colaço e o pintor e caricaturista Santos Silva (Alonso), vistos por Arnaldo Ressano

fecha à uma e fecha bem. Bem se vê que o general, comandava a aviação, pois julga que isto, afinal, é só pôr tudo no ar, em completa suspensão» (Amarelhe, in *Sempre Fixe*, 15/7/1926).

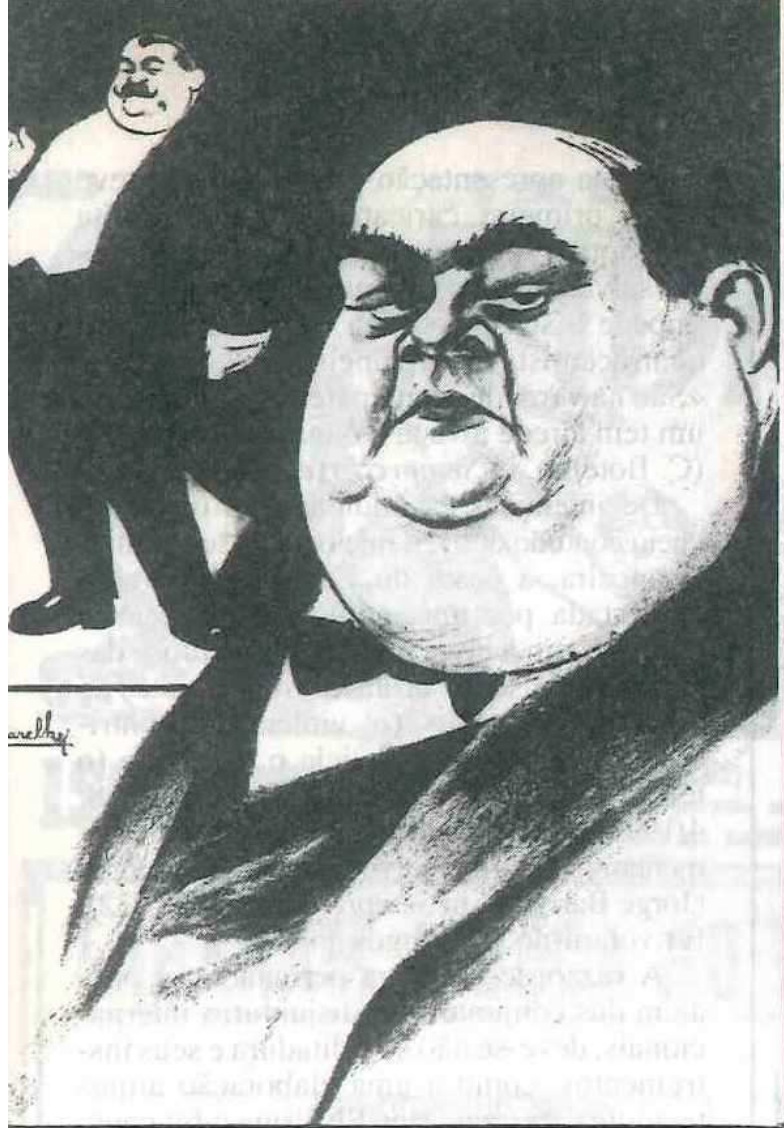
Suspensas por generais ou sacristãos, por censuras ou inquisições, as ideias ficam por dizer, as políticas por criticar, mas uma coisa é certa, nunca se cala uma imaginação: «Os leitores olham para aqui, para esta folha em branco, imaginam o que quiserem, e assim se satisfazem todos.» (Valença, in *Sempre Fixe*, 14/3(1935).

Quem finge sempre alcança, dirá o analisador político perante esse baile, onde «podemos andar a direito, para cumprir o regulamento do trânsito, ou continuaremos a andar aos ziguezagues, para não nos espetarmos» (Valença, in *Sempre Fixe*, 2/1/1936). Fugindo ao «baile mandado», a censura é um pezinho de dança, em placa de artifício (Amarelhe, in *Sempre Fixe*, 12/8/1926).

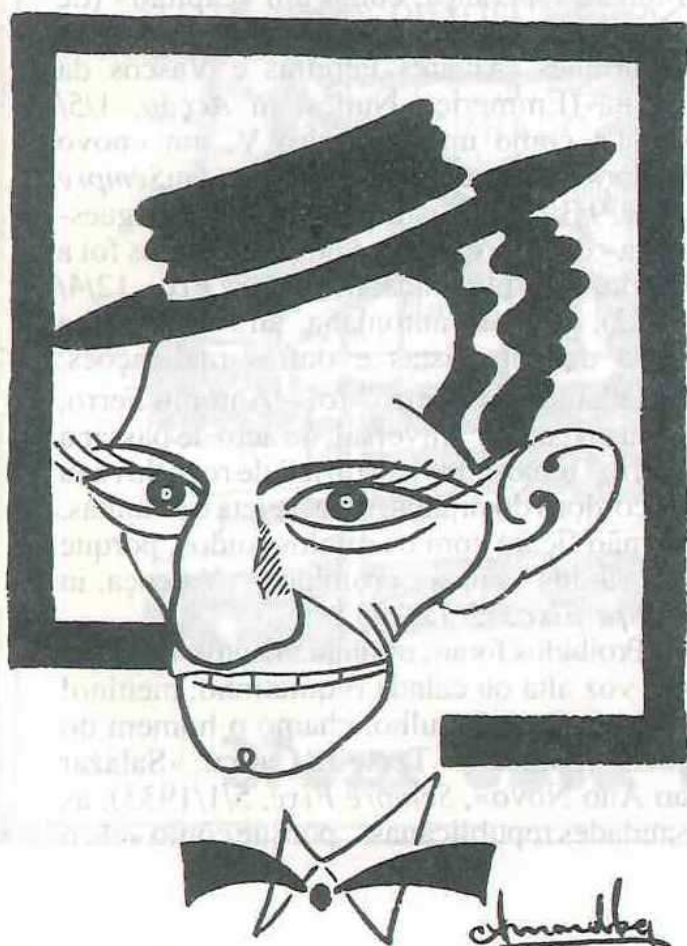
Essa «nuvem que os ares escurece» (Va-

lença, in *Sempre Fixe*, 7/2/1935) fez eclipsar muitos iluminados, impôs-se como inquisição ou ditadura castradora, que na caricatura ficou testemunhada como «Recordação Cabralista – primeira censura» (Buffon, in *Asmodeu*, 1/5/1858), depois como «lei das rochas» dos anos 80, para no fim/princípio do século se materializar no «Juiz Veiga», o maior pesadelo do republicanismo e da liberdade: «Mettendo em tudo a tesoura, não poupa ao corte nenhum! Não deixa mexer a hidra, mas p'riga o senso comum» (Nogueira, in *Os Pontos*, 27/4/1902).

O senso comum é o pior inimigo do governante de consciência pesada e a censura a sua melhor arma, manejada à descarada, como na ditadura, ou sub-repticiamente. Censura não é apenas a senhora que, pelo seu espírito de jejum quaresmal, faz a «abstinência da carne, e devora linguados que é um gosto» (Valença, in *Sempre Fixe*, 15/7/1926. Nota: linguados em jornalismo são páginas de texto, em medidas certas). Mas também a

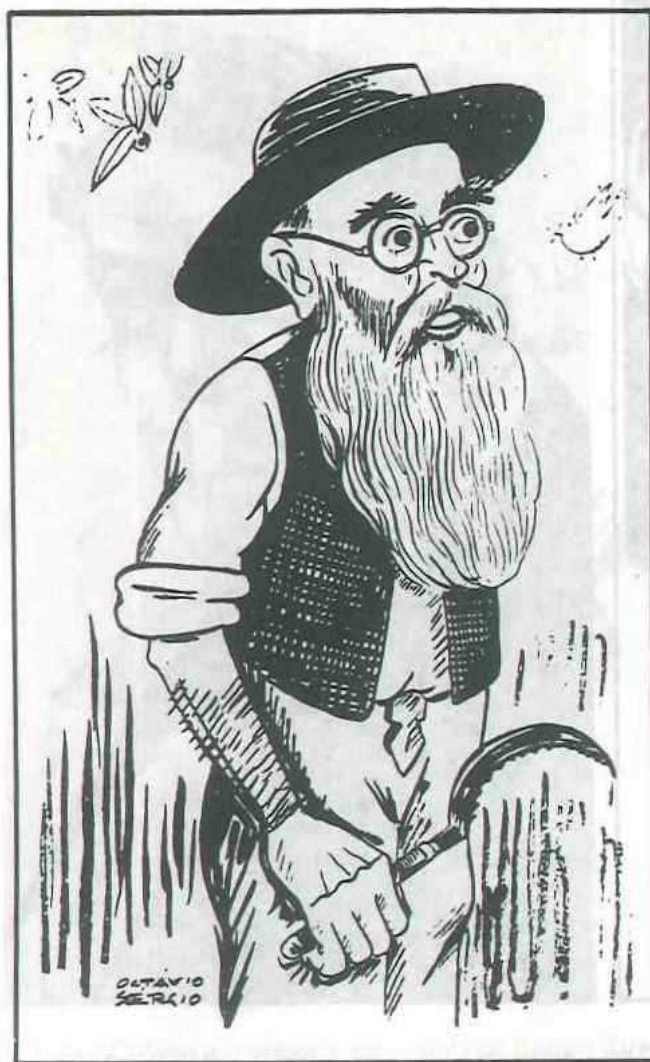


Chabi Pinheiro e Augusto Rosa desenhados pelo caricaturista Amarelhe



manipulação das notícias e das opiniões é o esquecimento dos factos e dos homens, é o tabu de ideias e histórias.

Mas não foi pacífica esta castração dos humoristas, pois sempre que viam uma distracção do censor, lançavam o grito «mortos de pé, que os vivos estão de cócoras» (Stuart, in *Sempre Fixe*), ou faziam referências subreptícias às grandezas da pobreza, representadas nestes três exemplos de graça: «Grandezas dos Pobres: – Que estás a comer? – Falava rica. – Ainda não perdestes a mania das grandezas» (Jorge Barradas, in *Sempre Fixe*, 14/10/1926); «Quinta-feira da Espiga – É bom apanhar a espiga neste dia, porque quem a apanhar terá pão todo o ano. – Sim?! E que ervas havemos de apanhar para termos bacalhau e batatas?» (Stuart, in *Sempre Fixe*, 23/6/1933); «Onde moras agora? – Não tenho casa, moro por aí... – Tem graça... sou teu vizinho.» (Stuart, in *Sempre Fixe*, 2/4/1942). Ou cantadas ao estilo épico de Camões: «As batatas e os feijões tão desejados / Que este



Portugal outrora cultivava, / por sítios já de nós ignorados / passaram para o rol da coisas raras e em perigos e guerras aturados / para as arranjar muito mais caras / certos gananciosos edificaram / mercado negro, que tanto exploraram!» (Sequeira, in *A Bomba*, de 2/7/1946).

A ditadura implantou-se em 26, mas seria através de uma figura de tecnocrata que ela se consolidaria e tomaria a dimensão sofrida por todos nós.

Salazar

«Olha lá, o ministro das Finanças é de Santa Comba Dão? – Não, é de Santa Comba Tira...» (Luís Teixeira, in *Sempre Fixe*, 14/3/1929).

É nas Finanças que está o sal do Governo e foi nessa condição de retempero que entrou a tal mistura condimentada em «Nacionalismo» – conservadorismo – jesuitismo que se chamou Salazar, e nos «conservou» em vinagre durante quarenta anos.

A sua apresentação governamental teve como primeira caricatura a já transcrita «anedota», sobre a questão da «terra santa» do salvador, sem ser nadador, o que não impede a sua parecença com o marinheiro quatrocentista dos painéis de S. Vicente: «São na verdade muito parecidos... somente um tem a rede à vista e o outro escondida.» (C. Botelho, in *Sempre Fixe*, 5/1/1933).

De intenções escondidas está o mundo cheio, contudo desde o início que a sua política financeira, à custa do Zé para variar, foi contestada por uns, como uma «peça de efeito – com a nova partitura, o virtuose das finanças consegue arrancar muitas notas ao velho instrumento (o violencelo contribuinte). Música que delicia o dilettante (o tesouro)...» (F. Valença, in *Sempre Fixe*, 18/4/1929); porém, «os entendidos» do café comentam: «Estamos salvos! Temos homem...» (Jorge Barradas, in *Sempre Fixe*, 30/6/1932). E tiveram-no por longos anos.

A razão dessa longa permanência, para além das conjunturas e disjunturas internacionais, deve-se não só à ditadura e seus instrumentos, como a uma elaboração arquitectónica «férica», tipo SNI, que o foi construindo como um Pai Natal – «O cesto é grande, mas não veio cheio» (Valença, in *Sempre Fixe*, 22/12/1932) – que apenas oferece esperança; como um «capitão» (de mar e terra) ao leme da nação dos Afonsos Henriques, Álvares Pereiras e Vascos da Gama (Emmerico Nunes, in *Acção*, 1/5/1941); como um D. Pedro V, um «novador» constitucional (Valença, in *Sempre Fixe*, 9/3/1933)... camuflando-se a «sanguessuga» do pobre Zé. Um dos arquitectos foi a «tartaruga» (Valença, in *Sempre Fixe*, 12/4/1932), também antoniana, através de uma série de entrevistas e outras realizações: «Malhando em “ferro” foi – António Ferro, o entrevistador universal, no acto de passar a “ferro” uma entrevista difícil de roer. Já roeu os cordões do pijama, roi a caneta e as unhas. Só não ficará com os miolos roídos, porque os “ruídos” vão ser proibidos» (Valença, in *Sempre Fixe*, 15/12/1932).

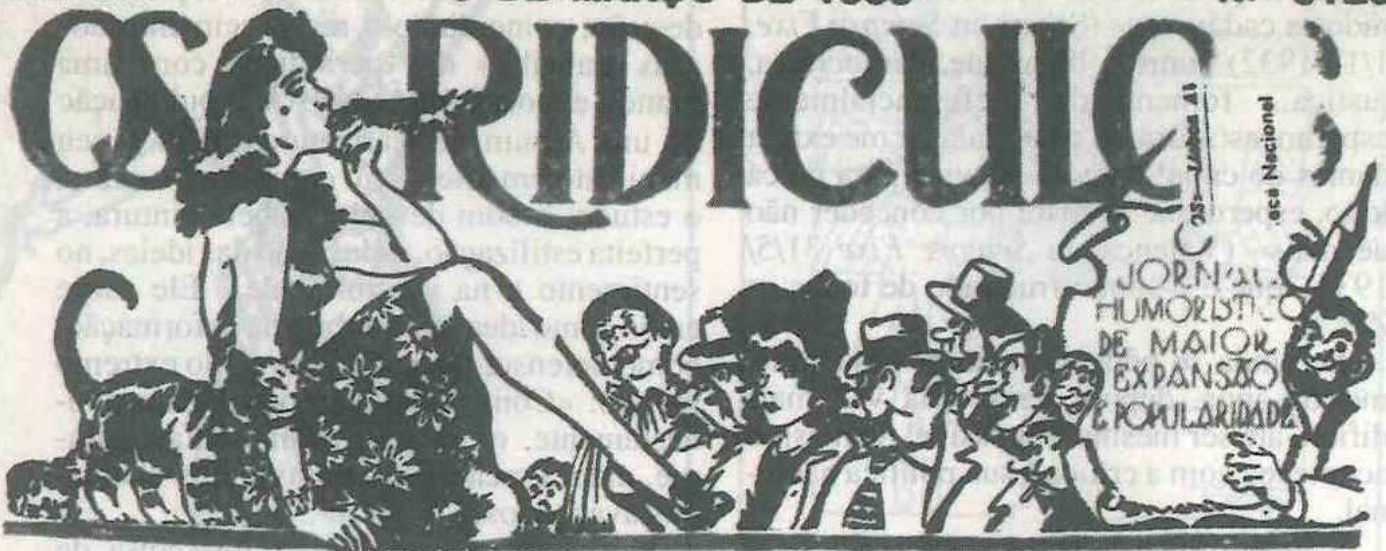
Proibidos foram os ajuntamentos, as ideias em voz alta ou calada («quietinho, menino! Se vem fazer barulho, chamo o homem do saco» (Salazar) – Teixeira Cabral, «Salazar ao Ano Novo», *Sempre Fixe*, 5/1/1933), as saudades republicanas... porque como «ele o

ANO 50.º

9 DE MARÇO DE 1955

N.º 5120

OS RIDÍCULOS



1\$00

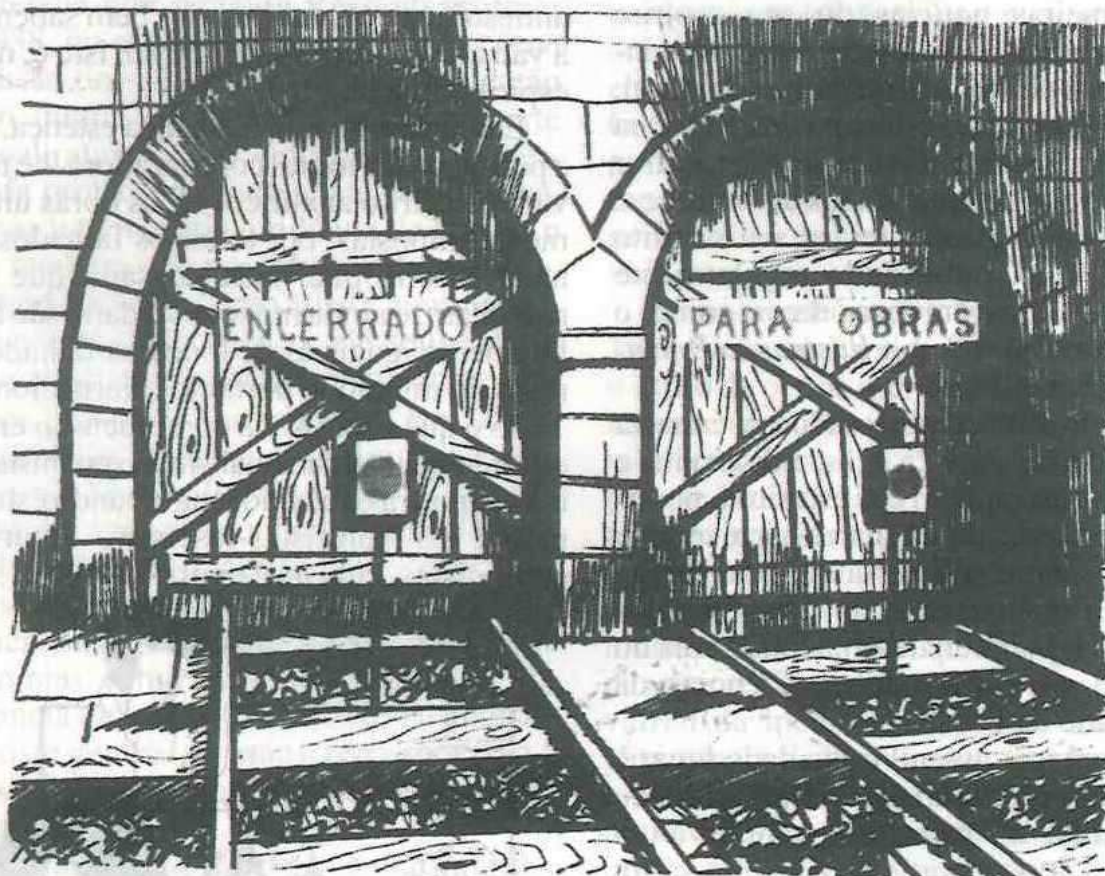
Fundador: CRUZ MOREIRA (CARACOLES)

Director e editor: REBELO DA SILVA

PROPRIEDADE DA EMPRESA EDITORA DE «OS RIDÍCULOS» L.ª

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: RUA DA BARROCA, 129 E 131 — LISBOA — Telefone 2 2675

TAPARAM A BOCA AO TÚNEL DO ROSSIO!



Nem esta escapou!...

disse... importa não deixar os homens amarrados a cadáveres» (Stuart, in *Sempre Fixe*, 1/12/1932) como a liberdade, democracia, justiça... fomentando preferencialmente esperanças: «Ora, se o Dr. Salazar me exigia dantes dê cá já! e agora suaviza para dê cá logo, espero que acabará por conceder não dê mais» (Valença, in *Sempre Fixe* 31/5/1934), que é o sonho frustrado de todos os Zés.

Se ainda se pôde caricaturar nestes primeiros anos, depois seria cada vez mais difícil, até ser mesmo impossível. O mesmo aconteceu com a crítica à sua política nacional.

Várias formas de humor que subsistiram nesse Estado Novo foram:

Ressano Garcia

A caricatura é o exagero na sátira, a ironia do carácter, a irreverência na ordem, a ordem irreverente. Tudo isto é Arnaldo Ressano Garcia, nascido em 1880 nesta cidade de Lisboa, militar por carreira, caricaturista por expressão.

As primeiras notícias do seu espírito satírico, publicado, datam de 1901, impondo-se como perito do retrato caricatural. Discípulo de Luciano Freire no desenho e na formação naturalista, não deixa de mostrar de imediato as suas qualidades de «charge».

De 1904 a 1910 manterá o seu espírito caricatural vivo, publicando regularmente os seus trabalhos em periódicos como o *Arauto*, a *Revista Nova*, a *Ilustração Portuguesa*, o *Pst*.

Entretanto, tinha ingressado na carreira militar, onde, durante 25 anos, a disciplina e a ordem se contrapõem em espírito à possibilidade de expressão da sua veia irreverente e satírica. Como militar ascendeu até ao posto de coronel, exercendo o professorado em campos ligados ao desenho na Escola do Exército e na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

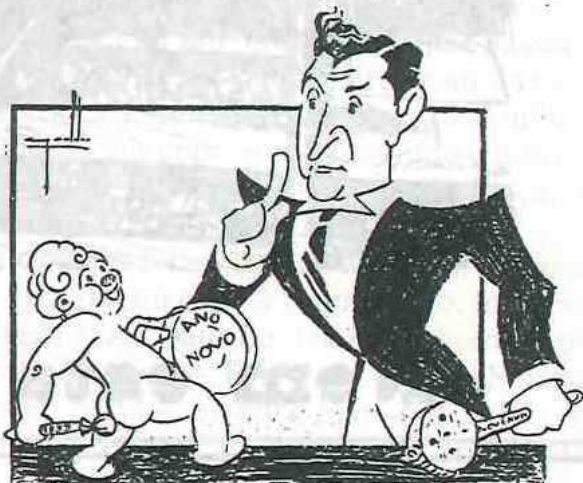
A irreverência juvenil tinha dado lugar à ordem, como profissão, e seria por volta de 1935, quando a «passagem à reserva» o começava a apoquentar, que a arte da sátira renasce dentro dele ou, pelo menos, renasce a vontade de a publicar. Nesse mesmo ano surgem, no *Sempre Fixe*, os seus novos desenhos.

Este reencontro da caricatura de Arnaldo

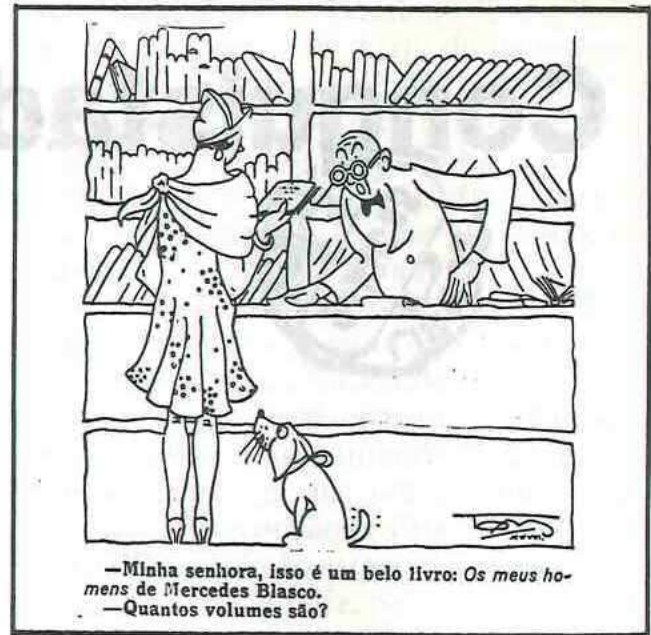
Ressano com o público foi em força e com decisão, coincidindo o reaparecimento dos seus trabalhos nos periódicos com uma grande exposição na SNBA e a publicação de um Álbum de Caricaturas, com o seu manifesto em arte — «o equilíbrio, o saber, o estudo, o bom desenho, a bela pintura, a perfeita estilização, a elevação das ideias, no sentimento e na sensibilidade». Ele surge então como ideal no extremo da deformação, como defensor do academismo, no extremo teórico: «Como me prezo de desenhar honestamente, os meus trabalhos afastaram-me, naturalmente, do convívio dos chamados avançados.»

Partiu então para Paris, com bolsa de estudo, não para estudar as técnicas e estéticas, mas para «desvendar a razão de ser, a origem e explicação, desse tufão destruidor» que é a «revolta internacional contra a cultura mental, procurando mergulhá-la no pântano escuro da selva (...) Aqueles a quem esta desorientação das artes aproveita, aqueles que a deflagram, são os inimigos seculares da civilização cristã. Com esta desorientação antiestética e paranóica, eles bem sabem que a vão atingir em pleno coração, isto é, na sua espiritualidade.»

Empenhou-se numa cruzada estética, onde a política e sua moral conservadora lhe toldavam o espírito analítico: «E as obras ultimamente impostas, por todos os falhados, que nada sabem, que nada pensam, que nada respeitam, e ainda menos estudam, são absolutamente iguais às de todos os falhados do resto do mundo, e portanto internacionais». Tudo o que fugia à sua compreensão era etiquetado de internacionalismo-comunista, que no tempo era o mesmo, englobando esteticamente os futuristas-fascistas, futuristas-comunistas, cubistas, expressionistas...



— Quietinho, menino! Se vem fazer barulho, chamo o homem do saco...



Nesta primeira metade do século a política dividia-se, não em esquerda e direita, mas em internacionalismo e nacionalismo, englobando os primeiros as vanguardas e os segundos os academismos.

As transcrições anteriores pertencem à conferência que Arnaldo Ressano proferiu em 1938, no seu regresso, na SNBA, como conclusão do seu estudo. Regressava então com o intuito de dirigir e corrigir a arte nacional, afastando o «intrujismo» modernista da protecção estatal e até eclesiástica. Foi uma luta inglória e ridícula de afastar o pobre modernismo do «Mundo Português».

Tendo iniciado, como artista, uma carreira em naturalismo satírico, ele soube dar o seu cunho de originalidade pelo humorismo incisivo. Quando reapareceu, em 1935, publicando no *Sempre Fixe*, no *Diabo*, no *Risota*, no *Século Ilustrado*, no *Ocidente*, verifica-se apenas um maior domínio do desenho e da deformação.

A sua caricatura é a interpretação psicológica, na deformação satírica, não só das fisionomias como do todo anatómico, em sugerência de «ave», o «animal», a «coisa» que existe dentro. As mãos, os corpos, são a expressão de uma síntese no exagero do ser caricaturado.

Partindo do «equilíbrio» na deformação, do «desenho honesto» na ironia, da «perfeita estilização» na incisão satírica, da «sensibilidade», ele criou uma obra que na teoria respeitava os seus ideais, mas que na prática se lhes opunha. Sem pertencer à caricatura

modernista, ele atingiu a «vanguarda» que combatia, pelo burilamento do academismo.

Octávio Sérgio

«Nasci no dia 19 de Maio de 1896, às 6 horas da manhã, facto que justifica só por si o hábito que tive durante muitos anos de entrar em casa fora de horas.» Assim nasceu Octávio Sérgio, um caricaturista que se impôs por persistência, e exagero, tornando-se famoso nas páginas do *Sempre Fixe*. O seu percurso foi de luta, para dominar o lápis e a vida.

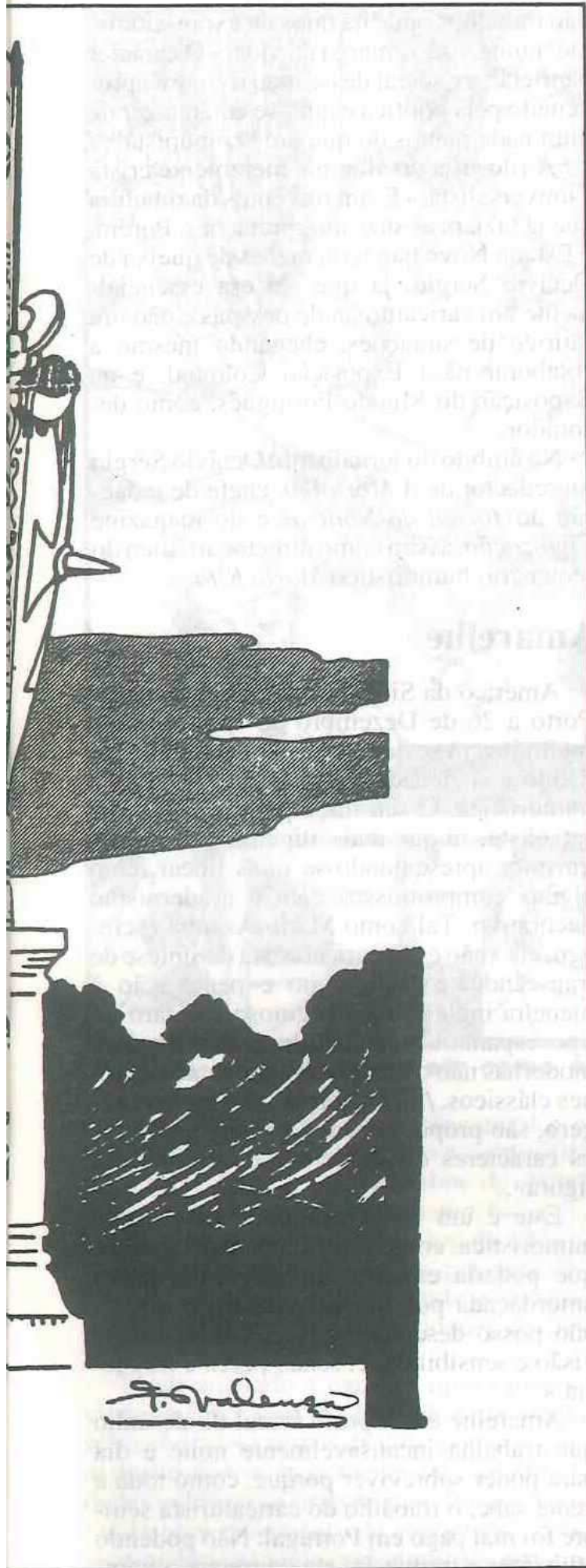
Eis como ele apresenta essa luta: «Até aos 19 meses a minha vida foi tão obscura como o estilo de certos escritores da moda. Aos 19 meses comecei a viajar, indo de Peniche, minha terra natal, para Leiria, onde os meus pais se estabeleceram. Até aos quatro anos tive bexigas, sarampo e duas enterites, mas a natureza conseguiu dominar os males e as curas respectivas, que são sempre males muito maiores. Dos quatro aos sete anos devo ter feito qualquer coisa, mas tudo se me varreu da memória. Aos sete levaram-me para uma prisão lóbrega, sem ar nem luz, onde se sentavam em cadeiras toscas de pinho muitos meninos da minha idade. Era uma escola, disseram-me...»

«Um dia caricaturei o professor na minha lousa, que andou de mão em mão, por entre a galhofa dos maraus meus companheiros. Vesti-o de jesuíta, ao modo das caricaturas da época, de sotaina e chapéu de borla, e a

Conquistadores



Para glorificar D. Afonso Henriques, o chefe do Governo prometeu iniciar-lhe uma estátua dentro de um ano, provavelmente «económico». Aplaudindo a ideia oferecemos este projecto em que S. Ex.^ª figura de escudeiro, habil como é em pedir-nos «escudos». Inspirámo-nos demasiado em Soares dos Reis, pensando nos «suores dos rostos» dos contribuintes.



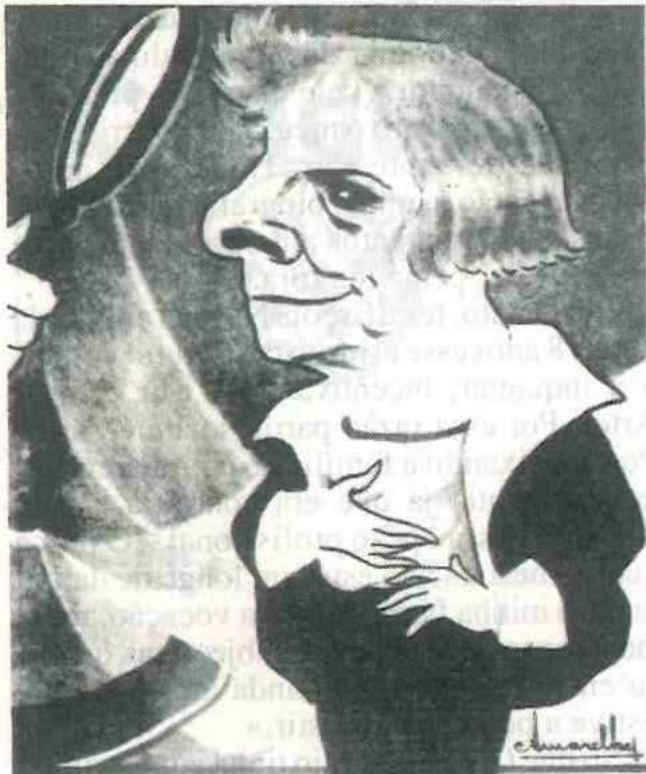
semelhança era tão flagrante, que a brincadeira me valeu uma dúzia de palmatoadas que me deixaram a pele das mãos prestes a estalar. Paguei caro o meu primeiro tributo à liberdade de expressão. Tinha nove anos! Data de então a minha biografia de caricaturista social, que tantos amargos de boca me havia de dar pela vida fora.»

Entretanto, fez a Escola Normal em Leiria e aos 18 anos esse espírito caricatural voltou-o a inquietar, incentivando-o a ir estudar Artes. Por essa razão partiu sozinho para o Porto, deixando a família de o proteger economicamente, já que era contrária a essa decisão, a essa opção profissional. «O pior é que os mestres não estavam longe de darem razão à minha família, pois a vocação, revelada apenas por certezas subjectivas que só eu entendia, não tinha ainda amadurecido. Estive a pontos de desistir.»

Só que Octávio Sérgio tinha aquela quase certeza interior que vence todos os obstáculos e não desistiu. Prosseguiu os estudos de arte, mesmo com a indiferença dos seus professores, como Marques de Oliveira. «Tive então que empregar-me. Fui sucessivamente empregado de cartório, perfeito de colégios e asilos, mestre de primeiras letras e, mais tarde, director-delegado de uma grande companhia exploradora de electricidade... Do cartório fui despedido por ter estragado dois cadernos de papel selado, com caricaturas!» Entretanto, ia escrevendo artigos para os jornais, ora de crítica de arte, ora de sabor humorístico.

Com tanta persistência, com tanto trabalho, a «mão do artista» fez-se no domínio da técnica e das formas, que se expressava tanto no crayon, como na tinta-da-china, óleo, guache, aguarela, barro, madeira. A escola que lhe foi administrada, ao lado do Henrique Medina, Eduardo Malta, Carlos Carneiro, era academizante, ainda imbuída do espírito naturalista. Por essa razão, o seu estilo pessoal pouco acompanhou o espírito da segunda geração modernista, que reinava nesses anos 30/40/50, que foram os seus anos de êxito. Dos vários géneros de desenho, impôs-se fundamentalmente na caricatura.

«Em 1928 fui-me até ao Brasil onde a crítica e o público viram em mim coisas que eu próprio ignorava.» Regressa em 1930 vitorioso, com um álbum debaixo do braço, que publica com o título «A Vida e a Morte».



Adelina Abranches



Luísa Satanela desenhada por Amarelhe (1946)

São trabalhos onde há raios de expressionismo, numa visão amarga da vida. «O carácter panfletário e social desse meu livro foi aproveitado pela política e quis-se então fazer de mim nada menos do que um “comunista”. / .../ A filosofia do álbum é meramente cristã e universalista.» Eram os ventos da ditadura que já faziam as suas interpretações. Porém, o Estado Novo não teria razões de queixa de Octávio Sérgio, já que ele era essencialmente um caricaturista de pessoas e não um satírico de situações, chegando mesmo a colaborar na I Exposição Colonial, e na Exposição do Mundo Português, como decorador.

No âmbito do jornalismo, Octávio Sérgio foi redactor de *A Mortalha*, chefe de redacção do *Jornal de Notícias* e do magazine *Civilização*, assim como director artístico do semanário humorístico *Maria Rita*.

Amarelhe

Américo da Silva (Amarelhe) nasceu no Porto a 26 de Dezembro de 1894 e desde muito jovem se dedicou à caricatura, desenhando a sociedade numa visão pitoresca e humorística. O seu traço pertence à escola rafaelista, só que mais aligeirado do barroquismo, apresentando-se mais linear, com alguns compromissos com o modernismo decorativo. Tal como Mário Azenha escreveu, ele «não é um caricaturista de síntese de transcendente humorismo e penetração à maneira inglesa; ou imaginoso e pícaro no tipo espanhol. /.../ O influxo das técnicas modernas não o levam a renunciar aos cânones clássicos. /.../ Os traços, mesmo no exagero, são proporcionados e mantêm nítidos os caracteres do modelo e o contorno da figura».

Este é um estilo gráfico e uma opção humorística, como fuga a uma irreverência, que poderia existir mas que tinha de ser amordaçada por sobrevivência: «É que eu não posso desenhá-los ao sabor da minha visão e sensibilidade, senão perco a freguesia.»

Amarelhe é um profissional do desenho que trabalha incansavelmente noite e dia para poder sobreviver porque, como toda a gente sabe, o trabalho do caricaturista sempre foi mal pago em Portugal. Não podendo afugentar a freguesia, ele consegue o com-



Zé---Eu sempre quero vêr como é que o sr. doutor tapa esses buracos

promisso entre a sua visão caricatural e o amor próprio dos caricaturados e, como afirma Julieta Ferrão, «os desenhos de Amarelhe — grafia pitoresca e humorística — revelam logo ao primeiro golpe de vista a perspicácia especial do artista que, sem deformar, conseguia com verdade e síntese, definir e figurar as particularidades dos retratados».

Tendo iniciado a carreira muito jovem, vivendo uma vida de boémia e de ironia sobre todos os campos de vida, com os anos, as desilusões, os inconformismos, as dificuldades políticas de fazer humor, foi-se encerrando num isolamento de cepticismo, concentrando a sua visão caricatural nos retratos

encomendados pelos periódicos ou pelos próprios interessados.

A sua atenção, que sempre tinha privilegiado o teatro, foi-se fechando naquele mundo, deixando para a posteridade muitas dezenas de caricaturas de actores que, reunidas, podem ser encaradas como o «álbum das glórias do teatro português» da primeira metade deste século. São caricaturas, cartazes, capas de partituras, «numa técnica originalíssima de requintada beleza — diz o crítico Artur Portela — e de um alto pensamento decorativo. O traço afinou-se em sensibilidade. A cor obedece ao ritmo das imagens».

Amarelhe morre de ataque cardíaco em 1946, mas ele mantém-se como um símbolo

O RESCALDO DO 18 DE ABRIL



Um velho chinelo de corda, uma camera reventada, cabeças de peixe, pó, terra, cinza e nada.

de caricatura feita máscara, o triunfo da teatralidade como glória dos seus intérpretes, os intérpretes teatrais como glória de um artista.

Armando Boaventura

Nascido em Barcelos a 19 de Agosto de 1890, Armando Boaventura fez os seus estudos em Leiria e Coimbra, onde viria a exercer o professorado em colégios particulares.

Politicamente era monárquico e conservador, sendo um dos defensores da restauração da monarquia, o que o obrigaria a ir para o exílio, em Espanha, e daí continuar a sua luta. Regressaria a Portugal em 1921, ou seja, após a queda do sonho da restauração monárquica através das armas, após os fracassos da monarquia do Norte e do golpe de Monsanto. Agora a opção era a via política, os jogos de bastidores e nesse contexto

tomaria parte integrante dos movimentos de 18 de Abril de 1925 e do 28 de Maio de 1926, sendo um fiel devoto do Estado Novo.

Na sua luta política, Armando Boaventura utilizou todas as armas de que era detentor, como a palavra escrita e o desenho, ou seja o jornalismo e a caricatura satírica, com toda a veemência crítica ou com todos os apanágios possíveis. Passaria pela *Época*, *O Século*, *o Diário de Notícias* (do qual chegou a ser Chefe de Redacção), *o Correio da Manhã*, *O Dia*, *A Voz*, *o Diário de Lisboa*, *o Comércio do Porto*, e *o Primeiro de Janeiro*, seria um dos fundadores do *Diário da Manhã* (jornal do regime salazarista), e director do *Estoril Jornal*. Como caricaturista, para além dos jornais em que trabalhava pela escrita, colaborou em *O Espectro*, no *Sempre Fixe* e na *Eva*.

Foi um excelente caricaturista, que trabalhou na fronteira entre o rafaelismo e o modernismo e que viria a morrer a 1959. ■

livraria
o jornal

COIMBRA
Centro Comercial Girassolum
Avenida João Deus Ramos, n.º 146